

# O conceito de “virtual”: de Bergson a Deleuze, de Deleuze a Lévy

Marcos Aurelio Marques<sup>1</sup>

Ana Maria Di Grado Hessel<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo trazer à luz o conceito de “virtual” em Bergson, Deleuze e Pierre Lévy. Para isso, elencamos desde a sua definição estritamente filosófica enquanto potência, passando pelas perspectivas dos filósofos elencados, em uma conceituação do virtual como oposição ao atual, não ao real e tido ele mesmo como plena realidade. Para isso, empreendemos um pequena linha do tempo do conceito, desde Bergson, influência de Deleuze para pensar o virtual, até Lévy, influenciado por Deleuze para a sua construção do conceito em uma perspectiva mais ligada ao mundo em rede da internet e suas implicações no início do século XXI. Como forma de pensar sobre o conceito e tentando algumas ampliações do seu sentido, propomos a relação do virtual, enquanto coexistências simultâneas atualizadas, virtualizantes e virtualizadas, postas em perspectivas na formação das subjetividades. O resultado deste percurso pretende propor algumas provocações acerca das mutações contemporâneas das subjetividades, implicadas pelas relações, humanas e não humanas, mediadas pelo virtual.

**Palavras-chave:** Virtual. Subjetividade. Filosofia. Tecnologia.

---

1 Graduado em Letras – Português – Francês/UEPG, Mestre em Geografia/UNIR/RO, Doutor em Geografia/UFPR, Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital/TIDD/PUC-SP, Professor da Faculdade Sapiens/RO. E-mail: [ma.ars.marques@gmail.com](mailto:ma.ars.marques@gmail.com).

2 Doutora e mestre em Educação: Currículo pela PUC-SP, com especialização em Informática pela UFPA. É Professora do Departamento de Educação: formação docente, gestão e tecnologia, da PUC-SP; professora credenciada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – TIDD/PUC-SP. O interesse em pesquisa e formação on-line, cognição e pensamento complexo. É pesquisadora do GPTED. ORCID: [orcid.org/0000-0003-4776-7754](https://orcid.org/0000-0003-4776-7754). E-mail: [anadigrado@pucsp.br](mailto:anadigrado@pucsp.br).

### **The concept of the “virtual”: From Bergson to Deleuze, from Deleuze to Lévy**

**Abstract:** This article sheds light on the concept of the “virtual” in Bergson, Deleuze, and Pierre Lévy. From its strictly philosophical definition related to, a power, the authors consider the virtual as opposed to actual, not real, considered itself as fully real. The paper discusses the history of the concept from Bergson and Deleuze’s notion of the virtual to Pierre Lévy, influenced by Deleuze in his construction of the concept in a perspective more connected to the internet network world and its conclusions in the beginning of the 21st century. With the goal of extending the meaning of the concept of the virtual, the authors distinguish between the virtual, virtualizing, and virtualized simultaneous coexistences, put in perspective in the formation of subjectivities. The result implies some provocations concerning contemporary mutations of subjectivities, both human and non-human, mediated by the virtual.

**Keywords:** Virtual. Subjectivity. Philosophy. Technology.

## Introdução

O objetivo é trazer à luz o conceito de “virtual” sob a ótica de Henri Bergson, Gilles Deleuze e Pierre Lévy. Bergson é discutido na luz da leitura Deleuziana do filósofo. O trabalho propõe pensar a relação que o virtual tem com conceitos fundamentais de Deleuze, como multiplicidade, devir e os movimentos de desterritorialização e produção de subjetividade. A obra *Matéria e Memória* (BERGSON, 2010) é discutida, pois ela serve de fundamento na interpretação do conceito. O trabalho também aborda a obra *O Pensamento e o Movimento* (BERGSON, 2006) e destaca o ensaio escrito em 1930, *O possível e o real*. Apesar da amplitude da obra do filósofo, o artigo se restringe a essas obras. Para complementar o entendimento bergsoniano do virtual, o artigo discute estudos, como Craia (2009) e Fuchs (2006).

O virtual tem papel seminal no universo de conceitos de Deleuze. Destacamos, entre outros, pelo menos dois apontamentos nesse sentido. O de Eric Alliez (1996) ao nomear a filosofia de Deleuze como uma filosofia virtual, e a de Antonio Negri (2020) ao falar do rasgo ontológico que o virtual traz em si. Sabemos que um dos problemas fundamentais na obra de Gilles Deleuze é o que é pensar. Lévy (2010b) leva adiante essa questão, colocando-a em perspectiva: qual o futuro do pensamento na era da informática? É no caminho dessa resposta que está o virtual para Lévy, pois ele pretende entender, ao invés de como o virtual se atualiza no caso de Deleuze, como o atual se virtualiza. A trajetória que o conceito de virtual faz da obra de Deleuze à obra de Pierre Lévy segue o itinerário nos dado pelo próprio Lévy. Ele busca como fonte inicial a distinção que Deleuze faz em *Diferença e repetição* (1998) entre o virtual, o atual e o possível, revertendo assim alguns equívocos, como por exemplo, um dos mais correntes, a falsa oposição entre o virtual e o real. Ou ainda, que o virtual e o possível fossem, a rigor, sinonímias.

Destacamos, após esse trajeto, a maneira como a noção de virtualidade está intimamente ligada ao conceito de subjetividade. Na nossa concepção, a subjetividade posta na perspectiva da Caosmose.

A experiência da ruptura de sentido, da desterritorialização, do estranho, deixando de ser inteiramente vivida e entendida como portadora de destruição, para ser vivida e entendida, na medida do possível, como portadora de linhas de virtualidade e, portanto, inseparável da vida em suas formas de organização. Quando um território existencial não faz mais sentido, caotiza, desaba, é que uma máquina desmanchou, e isto significa que os fluxos que a compunham se conectaram com outros fluxos, operando outros cortes, agenciando-se em outras máquinas, produzindo outras linhas de virtualidade, que poderão vir a tomar consistência em novos territórios existenciais. (ROLNIK, s/d, p. 3)

Para Rolnik (s/d), os territórios existenciais se encarnam a partir das linhas de virtualidade. Estas são a condição do perpétuo devir. A partir da morte de deus (NIETZSCHE, 2014), da morte do homem e do surgimento do ser da linguagem (FOUCAULT, 2007), do esvaziamento da noção de sujeito, engendrada por Deleuze e Guattari (PELBART, 2019), só nos resta viver no turbilhão caosmótico, onde universos de referências chegam, constituem sentido por algum tempo e depois se desfazem. Tudo desaba e, como aponta Rolnik, os fluxos que faziam sentido, se conectam com outros. Depois disso, virão novas conexões, novos agenciamentos. Ou seja, não há forma deus, nem a forma homem/sujeito, nem a forma de algum ideal transcendente. No turbilhão da vida moderna até a vida contemporânea, há de forma cada vez mais constante, e em intervalos de tempo menores, processos caosmóticos, onde territórios desabam. É preciso criar novos referenciais, para constituir para si, novos territórios existenciais, ciente que estes que chamamos de novos, são inteiramente provisórios. Para isso, as linhas de virtualidade, constituem forças que nos atravessam a todo instante.

A ideia de uma subjetividade “bárbara, mutante e virtualizada” tem uma relação muito estreita com o que entendemos ser o virtual nos meios tecnológicos conectados através da internet. Esse meio autopoietico no qual a produção de cada um está ligada à produção de subjetividades coletivas e ao surgimento mesmo de novas tecnologias e formas de relação com elas.

Embora tenhamos privilegiado o conceito de virtual, pretendemos articular todos os conceitos aqui propostos, a fim de provocar novos sentidos a partir das conexões entre eles. Acreditamos que cada nova relação criada cria também novos sentidos. Assim, ao investigar a trajetória do conceito de virtual, vimos que o próprio conceito vai se modificando. Em Bergson (2010), ele está também como potência, mantendo assim, em parte, o sentido mais clássico da filosofia. Em Deleuze (1988; 2012) ele

é privilegiado enquanto campo infinito de intensidades e possibilidades. Já em Lévy (2010b; 2011), o conceito é lançado no século XXI em uma perspectiva positiva, já relacionando com o surgimento das tecnologias digitais e com o caminho inverso, não mais o da virtualidade para a atualização, mas o da atualização para a virtualidade.

### Real e Virtual: de Bergson a Deleuze

O conceito de virtual não é novo, embora seu uso corrente e popularmente difundido para definir o mundo das redes digitais e das conexões pela internet passe esta impressão. O *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano (1962), o define como sinônimo de potência, que por sua vez é definida como “em geral o princípio, ou a possibilidade de uma mudança qualquer” (ABBAGNANO, 1962, p. 751), fazendo referência a Aristóteles. Essa definição está ligada à ideia de se passar da potência ao ato, relacionando-se na maior parte da história da filosofia com a possibilidade, pré-formação, preexistência. Essa forma de entender o virtual (potência) é mantida durante a Idade Média, embora nesse período, encontremos naturalmente outras atribuições do conceito.

Com efeito, é possível encontrar já na Idade Média uma primeira caracterização do virtual de vital importância para nós, por tratar-se da primeira abertura a esta problemática de um modo direito. Contando com a ajuda de uma etimologia sumária, podemos conferir que a palavra virtual vem do latim *virtualis* que se relaciona, por sua vez, da voz *virtus*, que, entre outras significações mais óbvias, também carrega o sentido de força ou potência. Esta abordagem etimológica, eventualmente correta, é, sem dúvidas, insuficiente; é preciso reconhecer e especificar ainda que a palavra *virtus* é formada pelo prefixo ‘vir-’, que indica o masculino, o penetrante, o que ‘informa’, o que detém e comunica a forma. O destino ou objetivo dessa força que informa a forma nos conduz a um dos problemas centrais da filosofia do medieval. Para a filosofia medieval, o virtual é aquilo que está em potência, que ainda não foi atualizado. Assim sendo, o virtual parece necessitar de uma passagem na qual, ao mesmo tempo, se completa e desaparece. (CRAIA, 2009, p. 113, grifos do autor)

Nessa perspectiva, percebemos que o virtual é quase um simulacro, que desaparece ao ter contato com o real-atual. Constitui-se no máximo como um “quase-ser”. Craia (2009, p. 113) ainda adverte: “Ora, esta concepção, herdada do aristotelismo e redefinida na filosofia escolástica, nos mostra, ao mesmo tempo, que a chave para ler este obscurecimento da natureza do virtual é justamente sua matriz aristotélica, sua identificação

deste com o potencial, com a ‘pura potência’.” Embora a *timelife* do conceito e/ou sentido etimológico de virtual remonte até Aristóteles, é importante lembrar que neste artigo recortamos o conceito em Henri Bergson, Deleuze e Lévy. As definições prévias trazidas até aqui servem apenas a fins de contextualização.

Ao chegarmos a Bergson (2010), mais especificamente ao livro *Matéria e memória*, percebemos que o conceito de virtual está estreitamente vinculado à memória e a duração, conceito este que se define pelo tempo absoluto, indivisível em contrapartida ao tempo quantificável. “Mas é em *Matière et mémoire* que Bergson irá elaborar de modo explícito a noção de virtualidade, que ali será invocada para dar conta de uma ontologia da memória” (FUCHS, 2006, p. 44). Ou seja, o virtual corresponde ao ser da memória, enquanto a memória existe na duração. Ela é uma multiplicidade heterogênea, e por definição, virtual. Por consequência, ao fazer com que passado e futuro coexistam em continuidade, ela remete à memória, também tida como coexistência e multiplicidade virtual. Bergson divide ainda dois tipos de memória: a memória-pura e a memória-imagem, sendo que esta última é a atualização da primeira, que por sua vez, é puramente virtual.

O objeto virtual é essencialmente passado. Bergson, em ‘Matéria e memória’ propunha o mundo com dois focos, um real e outro virtual, do qual emanavam, por um lado, a série das ‘imagens-percepções’ e, por outro lado, a série das ‘imagens-lembranças’, as duas séries organizando-se num circuito sem fim. (DELEUZE, 1988, p. 140)

Para entender o papel que o conceito de virtual tem na obra de Bergson, é preciso distinguir os conceitos de memória, tempo e duração. Para Bergson a memória se divide em hábito e lembrança. O hábito é aquilo que é aprendido de forma a criar ações praticamente automáticas pelo sistema sensório-motor, por exemplo, caminhar ou dirigir. Já a lembrança pura é exatamente o que podemos chamar de virtualidade. Por sua vez, a atualização dessa virtualidade, dessa lembrança pura, se dá por imagens-lembrança e a imagem é sempre presente: “A imagem-lembrança atualiza-se a partir de uma lembrança pura, e retira dela sua realidade; mas a lembrança pura provém do Ser tal qual é em si, ou seja, da memória entendida como virtualidade” (FUCHS, 2006, p. 40). Aqui podemos entender melhor a relação entre as duas lembranças elencadas por Bergson. De certa forma, até mesmo “presentificando” o passado, pois ele “não é aquilo que ‘foi’, mas aquilo que é, uma vez que o passado não ‘passa’ jamais, e coexiste, virtual, numa memória-ser que se repete a si mesma

em diversos níveis de contração e distensão (paradoxo da coexistência)” (FUCHS, 2006, p. 105). Seguindo esse raciocínio, a duração se distingue de tempo exatamente por ela ser esse contínuo, ou que Deleuze chama de “multiplicidade virtual”:

Desse modo, nenhuma análise da duração poderá ter êxito a não ser que se compreenda primeiramente a noção de virtualidade [...]. Mas a noção de virtualidade não é decisiva apenas para a teoria da duração, e assumiu, segundo Deleuze, uma importância cada vez maior na filosofia de Bergson. Isso não quer dizer apenas que a noção de virtualidade surgiu com uma frequência cada vez maior na filosofia de Bergson, mas também que ela revelou-se um fundamento dessa filosofia, no sentido mais forte do termo. (FUCHS, 2006, p. 21)

Eis então aqui o papel que o virtual assume. Ele é então as durações coexistindo simultaneamente e de forma heterogênea, garantindo a cada atualização, um ato de criação. Lembremos aqui, Bergson é um entusiasta da criação:

Gostaria de voltar aqui a um assunto do qual já falei, a criação contínua de imprevisível novidade que parece desenrolar-se no universo. De minha parte, acredito experimentá-la a todo instante. Em vão me represento o detalhe daquilo que irá me ocorrer: como minha representação é pobre, abstrata, esquemática, em comparação com o acontecimento que se produz! A realização traz consigo um imprevisível nada que muda tudo. (BERGSON, 2006, p. 103)

Bergson é um filósofo amante do devir. Entendemos que uma das condições fundamentais do devir é justamente a virtualidade, sem a qual, a realidade se resumiria a uma divisão entre o possível e o impossível. Para chegar a essa noção de virtualidade, Bergson repensa também o conceito de possível, fenômeno que veremos também na obra de Deleuze e Lévy.

Mas há, sobretudo, a idéia de que o possível é menos que o real e de que, por essa razão, a possibilidade das coisas precede sua existência. Estas seriam, assim, antecipadamente representáveis; poderiam ser pensadas antes de serem realizadas. Mas é o inverso que é verdade. Se deixamos de lado os sistemas fechados, submetidos a leis puramente matemáticas, que são isoláveis pelo fato de a duração não os atingir, se considerarmos o conjunto da realidade concreta ou muito simplesmente o mundo da vida e, com mais forte razão, o da consciência, descobrimos que há mais, e não menos, na possibilidade de cada um dos estados sucessivos do que em sua realidade. Pois o possível é apenas o real com, em acréscimo, um ato do espírito que repele sua imagem para o passado assim que ele se produziu. Mas é isso que nossos hábitos intelectuais nos impedem de perceber. (BERGSON, 2006, p. 114)

Lembremos a distinção entre hábito e memória citada anteriormente e veremos que o primeiro nos trai quando pensamos o possível desavisadamente. Pois o possível é, em suma, o real mais alguma coisa. Entretanto, ele “não é em nenhuma medida o virtual, o idealmente pre-existente” (BERGSON, 2006, p. 117). A realidade é por sua vez também composta pelo virtual, e este, para Bergson, é a memória pura. Para nós, é uma reserva infinita que garante o devir em multiplicidade na atualização. A realidade, como o virtual que a constitui, é um universo em expansão: “A realidade é crescimento global e indiviso, invenção gradual, duração: como um balão elástico que se dilatasse pouco a pouco assumindo a cada instante formas inesperadas” (BERGSON, 2006, p. 109).

Em síntese, podemos dizer que o virtual em Bergson (2010) é a lembrança pura, pois o conceito está estreitamente ligado ao conceito de memória e percepção:

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um ‘estado virtual’, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de *planos de consciência* diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. Nesse estado virtual consiste a lembrança pura. (BERGSON, 2010, p. 280, grifos do autor)

Da lembrança virtual, do passado é que partimos até chegarmos ao atual da percepção. Ou seja, o virtual constitui essa reserva infinita de possibilidades de onde embarcamos para o atual, mas que mesmo se atualizando, permanece virtual, em moto-perpétuo.

## O bergsonismo de Deleuze

A vasta obra de Gilles Deleuze poderia ser separada em três grupos, lembrando que qualquer separação, agrupamento, recorte, só servem para fins metodológicos e provisórios, sem que se pretendam definitivos. Um bloco de obras são as que produziu com Félix Guattari, e das quais fazem parte *Mil Platôs*, *Kafka: por uma literatura menor*, *Anti-Édipo* e *O que é filosofia?*. Tais obras, embora tenham no conceito de virtual um dos seus eixos estruturantes, não serão aprofundadas aqui, pois não é este nosso intento. Outro grupo são as obras que Deleuze escreveu solo, das quais fazem parte seus livros sobre cinema (volumes 1 e 2), sobre a pintura de Bacon e seus livros sobre Proust e Sacher-Masoch, além de *Lógica do Sentido* (2011) e *Diferença e repetição* (1988), sendo esta última mais explorada neste artigo, pois nela o filósofo sistematiza o conceito de virtual em



oposição ao de atual, sendo esta obra, inclusive, a inspiração para Lévy em seu trabalho sobre o conceito. Um terceiro bloco é formado pelas obras em que Deleuze escreve sobre outros filósofos, como Hume, Nietzsche, Espinosa, Leibniz, Foucault e Bergson. A obra sobre este último nos será de total importância uma vez que pretendemos entender o agenciamento Bergson-Deleuze em relação ao virtual.

No livro intitulado *Bergsonismo* (2012, p. 12) Deleuze fala das grandes etapas da filosofia bergsoniana, marcadas pelos conceitos de duração, o tempo, memória e impulso vital (ou élan vital). Compreendidas essas etapas, nos perguntamos, qual a relação que elas possuem com o conceito de virtual? Vejamos. Deleuze (2012, p. 116) afirma: “Eis por que o segredo do bergsonismo está sem dúvida em ‘Matéria e Memória’; aliás, Bergson nos diz que sua obra consistiu em refletir sobre isto: que tudo não está dado. Que tudo não esteja dado, eis a realidade do tempo”. O não dado supõe um movimento que o inventa, cria. O movimento e o dado, nesse caso, não operam por identidade de um no outro. A partir disso, Deleuze chama Bergson para, juntos, criticarem o conceito de possível, pois ele é apenas de decalque, mera projeção do movimento de produção sobre o que se inventa. Já com o virtual, as coisas são diferentes: “o virtual não é a mesma coisa que o possível: a realidade do tempo é finalmente a afirmação de uma virtualidade que se realiza, e para qual realizar-se é inventar” (DELEUZE, 2012, p. 116). Ou seja, o virtual é o amplo campo de onde extraímos as atualizações, pensando essas como invenções produzidas pela diferença, não pela determinação do decalque. É a existência de um campo de forças intensivo que atravessa tudo, de forma difusa, ele é pura diferença a se diferenciar em si mesmo: “ele falta à sua própria identidade” (DELEUZE, 1988, p. 139).

Ao propor a obra de Deleuze e Guattari como uma filosofia do século XXI, Negri (2020, p. 81) faz referência ao trabalho de Éric Alliez, que toma a filosofia de Deleuze como “uma ontologia do virtual”. Como já sabemos, o virtual aqui é entendido como algo que possui uma realidade ontológica, revertendo a ideia do virtual como possível. Para isso, segundo Negri, Deleuze busca, em princípio, multiplicar o efeito bergsoniano, sobretudo, da perspectiva de ter a duração enquanto uma multiplicidade virtual. Lembremos que em Bergson a duração é a coexistência virtual em multiplicidade. Para Negri (2020, p. 82), a partir do encontro com Bergson, e depois com Espinosa, Deleuze se coloca o seguinte problema: “como endurecer a virtualidade na sua relação com o real, ou seja, ao conservar a potência da imaginação enquanto arranca de toda fixação categorial, toda função, ou toda ideia de simulacro ou representação?” Vemos que a virtualidade protagoniza a relação com a imaginação e com a criação.

Segundo Éric Alliez (1996, p. 14), a noção do virtual ilumina a questão do novo. E prossegue afirmando que consoante a uma “troca perpétua entre o virtual e o atual” que define o plano de imanência enquanto tal.

É toda a dimensão bergsoniana da fórmula proposta por Deleuze: ‘pluralismo = monismo’, que só adquire sentido concebendo-se a multiplicidade como um verdadeiro substantivo, situado aquém da oposição dialética entre o um e o múltiplo, que foi substituída pela diferença entre os dois tipos de multiplicidade: a multiplicidade numérica, material e atual, multiplicidade distinta que implica o espaço como uma de suas condições, devendo também ser explicado a partir dela (Riemann); e a multiplicidade qualitativa que implica a duração enquanto coexistência virtual do um e do múltiplo, *nem* um *nem* múltiplo, *uma* multiplicidade... (ALLIEZ, 1996, p. 21-22, grifos do autor).

Sob a égide do pensamento bergsoniano, Deleuze consolida seu conceito de multiplicidade, que está na base do seu plano de conceitos filosóficos. Uma multiplicidade que supera a oposição entre o um e o múltiplo a partir da concepção do tempo como duração, e esta, como coexistência virtual: “A matéria, enquanto *mens momentanea* da percepção do presente, é plenamente atual, e designa a própria forma constitutiva da atualidade e da presença; por outro lado, a memória é real, mas não atual, portanto, o tipo de realidade que lhe corresponde é a virtualidade” (CRAIA, 2009, p. 115, grifos do autor). Se para Bergson, na matéria tudo é atual, é imagem e percepção referida ao corpo, e a memória é uma multiplicidade virtual, para Deleuze, o problema será praticamente o de uma fusão entre os estados virtuais e atuais.

De modo que a questão de Deleuze terá sido sempre a de uma imagem material e virtual-atual do Ser-Pensamento, de rizoma e de imanência, com a etologia superior a que ela recorre para seguir os sulcos desconhecidos traçados no mundo-cérebro por toda livre criação de conceitos: novas conexões, novas trilhas, novas sinapses para novas composições que façam, do singular, conceito. (ALLIEZ, 1996, p. 40)

O que para Bergson é uma relação entre pensamento e memória, percepção e afecção, corpo e espírito, para Deleuze a questão está em superar o dualismo no caminho da multiplicidade garantida pela força-potência do virtual, para assim garantir um estado de infinita intensidade da criação. Uma afirmação de Deleuze é emblemática para entender a dimensão que o virtual tem para ambos. Para ele, além de recusar a noção de possível, Bergson “é também aquele que leva ao mais alto ponto a noção de *virtual*, e que funda sobre ela toda uma filosofia da memória e da vida” (DELEUZE, 2012, p. 37, grifo do autor). Na leitura deleuziana, o virtual é a fundação da própria filosofia bergsoniana.

## Real e Virtual: de Deleuze a Lévy

É necessário passar pelo Bergsonismo de Deleuze para entender como este é recepcionado por Pierre Lévy, embora Lévy não faça menção à filosofia de Bergson, pois seu ponto de partida é Deleuze. A ideia de virtual é fundamental na filosofia de Deleuze e de Deleuze e Guattari. É um dos seus pilares, como aponta Antonio Negri ao defender que *Mil Platôs* é uma obra política, esta entendida como uma ontologia, que por sua vez, é tida “como intervenção no ser para nele identificar outra forma de virtual, sempre possível” (NEGRI, 2020, p. 43).

Quando nos referimos ao conceito de virtual na obra de Deleuze, o mais comum é fazer referência ao seu artigo “O atual e o virtual” (1998) e é praticamente impossível não citar as frases iniciais do texto: “A filosofia é a teoria das multiplicidades. Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais” (DELEUZE, 1998, p. 121). Mais direto e claro que isso é impossível, ainda mais se tratando de Deleuze. Em poucas palavras define a filosofia pela multiplicidade, que por sua vez, compõe-se por virtuais e atuais. Podemos ir mais além, uma vez que o atual é nossa realidade mais imediata: o que garante a multiplicidade é exatamente o virtual.

Toda uma pragmática do conceito como ser real, volume absoluto, superfície auto-portadora, cristalização e coalescência, dobra do cérebro sobre si mesmo, *micro-cérebro...*, toda uma ‘maquínica’ do pensamento será assim mobilizada para fazer o *múltiplo* (pois ‘é preciso um método que efetivamente o faça’), *tomar como sujeito o virtual* (‘a atualização do virtual é a singularidade’) e responder enfim à questão ‘o que é a filosofia?’ (‘a filosofia é a teoria das multiplicidades’) — quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente, no ponto singular onde o conceito e a criação se reportam um ao outro na grande identidade EXPRESSIONISMO = CONSTRUTIVISMO. (ALLIEZ, 1996, p. 40, grifos dos autores).

Alliez fala da produção filosófica deleuziana como uma filosofia virtual. Deleuze prossegue falando do virtual como uma névoa que envolve o atual. Assim, não há o que seja absolutamente atual, nem o que seja absolutamente virtual. Um é o devir do outro, e o que seria uma fronteira entre um outro, é antes um efeito de *sfumato*. Porém, uma questão: há diferença entre eles?

Deleuze explica que o virtual não se opõe ao real, pois tanto o virtual quanto o atual são reais. Utilizando-se de uma fórmula de Proust, Deleuze afirma que dos virtuais é necessário dizer que são: ‘Reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos, e simbólicos sem serem fictícios’ (DELEUZE, 1988, p. 335). E a atualização não é a mera passagem da potência ao ato, pois, no possível tudo já está constituído, faltando-lhe apenas a realização, ou seja, a existência. Como lembra Lévy, ‘o possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza’ (LÉVY, 2011, p. 15). Assim, sua diferença com o real é meramente lógica (LÉVY, 2011, p. 16). Porém, o virtual existe, ele possui uma plena realidade enquanto virtual (DELEUZE, 1988, p. 335), logo, a diferença entre o virtual e o atual se dá entre duas maneiras de existir ou de ser. Dessa feita, a diferença entre o atual e o virtual é ontológica. (SOUZA, 2017, p. 46).

Há uma diferença ontológica, são “seres” diferentes, mas interdependentes. Vemos aqui superada a definição inicial de virtual, enquanto potência que passa ao ato. Em tal perspectiva o virtual opera no puro devir, garantindo a multiplicidade deste. Atual e virtual, embora sejam intercambiantes em um movimento perpétuo, possuem diferenças de natureza, contudo, ambos constituem o real. Virtual e atual coexistem, cada um no limiar de outro. Deleuze usa o virtual para rasurar as fronteiras entre o que seriam dualismos.

Chegamos agora a Pierre Lévy. Para iniciar, vejamos que ele reforça, sobretudo, a diferenciação entre as três ideias: real, possível e virtual. Inclusive, nos parece que em seu livro *O que é o virtual* (2011), publicado pela primeira vez na década de 1990, Lévy retoma o tema dessa tríade de conceitos para logo em seguida superá-la, pois ali não está seu problema. O autor revisita o tema, sobretudo, a partir da perspectiva deleuziana já tratada aqui, logo nas primeiras páginas. Seu problema é outro: como o atual retorna ao virtual? Lembremos que para ele, o virtual é a outra face do atual e ambos constituem o real. Se a filosofia quase sempre se preocupou em como o virtual passava ao real ou ao atual (casos que vão desde Aristóteles até Henri Bergson e Gilles Deleuze no século XX, entre outros), Lévy propõe o caminho inverso. E por quê? Porque se passar do campo do virtual ao atual é transitar da solução ao problema, o caminho inverso, a virtualização, constitui um novo campo problemático.

Como afirma Lévy, o possível é um real latente, ele se realiza sem que nada mude em sua natureza, enquanto o virtual ao se atualizar traz uma nova configuração à entidade considerada. O real constitui-se do possível realizado, o atual é o virtual com algo novo, o movimento de atualização implica uma solução que não estava previamente contida no problema, assim, a natureza do virtual é distinta da natureza do atual. Por outro lado, entre o possível e o real só verificamos diferenças de grau. (NUNES, 2016, p. 25).

Ou seja, no movimento de atualização, o virtual se resolve como problema. Nos fala Lévy (2011, p. 16): “o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.” Nessa perspectiva, o atual é a resposta ao virtual. Resolvido isso, Lévy se interessa pela virtualização, ou seja, o movimento inverso da atualização e como ela passa da solução dada (atualização) a outros problemas.

Posto isso, Lévy analisa as virtualizações do corpo, da economia, do texto, e sobretudo, a da inteligência, que parece ser o grande interesse do filósofo, inclusive em outras obras como “Cibercultura” (LÉVY, 2010b) e “As tecnologias da inteligência” (LÉVY, 2010a). O grande problema de Lévy ao nosso ver é entender esse caminho inverso, do atual ao virtual: “Não mais o virtual como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. *A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização*” (LÉVY, 2011, p. 17, grifos do autor). Rompendo definitivamente com alguma dicotomia que pudesse ter permanecido até aqui, Lévy coloca a virtualização como um potente vetor de criação da realidade. Isso tem diversas implicações na cultura, no social e na produção das subjetividades humanas. Se o estatuto do virtual em Bergson está ligado, sobretudo, à memória e a duração, Deleuze eleva o conceito ao nível de uma ontologia com existência própria que tem implicação em qualquer relação do pensamento, pois para ele o virtual e o atual, são ambos reais. Já em Lévy interessa pensar a cibercultura, as novas tecnologias da inteligência e mesmo a inteligência coletiva ampliada pela técnica e pelas novas possibilidades da linguagem nos meios digitais.

Esse trajeto do conceito é apenas o início de uma possibilidade de repensarmos o mundo mediado pelas tecnologias digitais, a cultura nômade, a efemeridade da produção das subjetividades, os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, o hibridismo etc. Vivemos espaço-tempos mutantes, e seremos nós, uma nova geração de bárbaros-nômades-híbridos-mutantes?

### Considerações finais

Pudemos ver como o conceito filosófico de virtual tem uma longa estrada percorrida ao longo dos séculos, da Grécia Antiga até os dias atuais. Entendemos que ele se constitui em uma ontologia, dado o nível de privilégio que ocupa em obras como a de Deleuze e Pierre Lévy. A fonte de Deleuze para pensar o virtual claramente é Bergson, porém, ele transcria o conceito, fazendo-o ressoar e ampliar suas possibilidades, constituindo uma ontologia, como nos fala Negri (2020) e Alliez (1996).

Lévy, por sua vez, atualiza o conceito, acrescentando a ele as tintas das tecnologias digitais, inexistentes nos tempos de Bergson, e seminais nos tempos de Deleuze. É exatamente isso que nos interessa sobremaneira, a forma como o conceito chega ao século XXI, e como seu uso popular corrente para designar o mundo mediado pelas tecnologias digitais conectadas em rede pela internet se popularizou no sentido que seria algo a se opor ao real. Se essa oposição é superada nos autores aqui trabalhados, como ainda é predominante nos dicionários e no senso comum, a ideia de que o virtual é aquilo que não é real?

O presente artigo é apenas parte de uma problematização maior ainda em desenvolvimento. Se Deleuze nos mostra como o virtual constitui uma ontologia, pois ao se atualizar, ele é uma espécie de garantia da multiplicidade e da diferença, Lévy nos mostra a implicação que as diferentes virtualizações têm nas mais diversas dimensões da nossa existência. Deleuze se preocupa como o virtual se atualiza, Lévy, como o atual se virtualiza. A partir deles, queremos entender como essa via de mão dupla deixa de existir com a chegada em massa da conectividade e das tecnologias digitais, constituindo um campo de forças em que o virtual e o atual passam a ocupar, de certa forma, o mesmo espaço.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. Tradução: Heloisa B.S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BERGSON, Henri. *o pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CRAIA, Eladio. O Virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Revista de Filosofia: Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 107-123, jan./jun. 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. O atual e o virtual. In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Dialogues*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, p. 121-124, 1998.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *Bergsonismo*. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Dois regimes de loucos*. Tradução: Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995a.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995b.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Tradução: Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Calaf. São Paulo: Editora 34, 1997b.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FUCHS, Francisco Traverso. *A noção de virtualidade em Bergson*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 1996.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Tradução: Hortencia Santos Lencastro. São Paulo: Editora N-1, 2017.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010b.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

NEGRI, Antonio. *Deleuze & Guattari: uma filosofia para o século XXI*. Tradução: Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Ed. L&PM, 2014.

NUNES, Daniel Salgado Galvão. *Cibercultura e ciberespaço: as relações sociais nos jogos online como extensão do homem social e político* / Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

PELBART, Peter Pál. *Ensaio do assombro*. São Paulo: Ed. N-1, 2019.

ROLNIK, Suely. *A dama de negro*. 1995. Disponível em: [pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/damanegro.pdf](http://pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/damanegro.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

SOUZA, Alisson Ramos de. *Deleuze e o corpo: por uma crítica da consciência*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.